

Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

O DIREITO HUMANO

SOLSTÍCIO DE INVERNO 2016, ANO 7, Nº 16





Neste Número:

Editorial

Sínteses dos Temas desenvolvidos pelas Lojas durante o ano maç. de 2015-2016 (E.:V.:)

Tema Social : A Comunicação Maçónica na Internet — Riscos e Benefícios

Tema Simbólico: A Egrégora da Loja e a Cadeia de União

Pranchas:

Crise e Autoconhecimento—RA, M.: M.:

Consciência e auto-conhecimento—APB., M.: M.:

A Grande Loja de Londres e Westminster—1717— MJF, M.:M.:

Do Templo para o Mundo

Tochas na Caverna—JF, Comp.: M.:

Capa:

São João Batista e S. João Evangelista—Patronos da Maçonaria. Imagem constante de diversos livros maçónicos do Sec XVIII

Conselho Editorial: - Conselho Nacional

Comissão de Comunicação

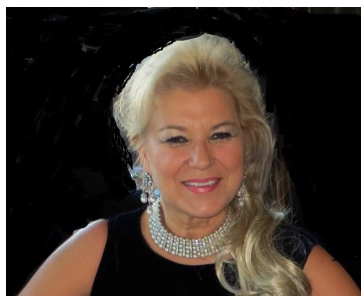
Maria de Fátima Pires

Maria João Figueira

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor

Contacto para sugestões e colaborações: comunicacaofpdh@gmail.com

Disponível no site da Federação Portuguesa: www.direito-humano.pt



Minhas Queridas Irmãs e Meus Queridos Irmãos,

Eis o Boletim do Solstício de Inverno.

É este um solstício em que relembramos São João Evangelista, visto como a pessoa que pregou a Luz.

S. João Evangelista terá sido o mais novo apóstolo de Cristo, o que o acompanhou e seguiu na noite em que foi preso e o que foi corajoso ao ponto de acompanhar o seu Profeta até à morte na cruz.

Ora, o que vos peço aqui é que procuremos seguir o seu exemplo de pregação e de procura e anunciação da Luz, sendo aqui Luz tomada como evolução, aprofundamento interior e do mundo que nos rodeia, ou seja, como procura do Bem e do Grande Arquitecto.

Os textos aqui publicados podem ajudar nesse caminho, senão vejamos:

“A Comunicação Maçónica na Internet — Riscos e Benefícios”, aqui publicado, dá-nos pistas de reflexão quanto aos desafios que hoje se apresentam à Maçonaria, nomeadamente a sua divulgação e a necessidade, ou não, da sua abertura ao mundo material.

“A Egrégora da Loja e a Cadeia de União”, a *“Crise e Auto-Conhecimento”*, bem como a *“Consciência e auto-conhecimento”*, relembram-nos da necessidade de estarmos unidos, como Maçons, nos caminhos e desafios da Maçonaria, e de nós próprios nos irmos avaliando e não nos desviarmos do nosso caminho para que possamos contribuir para uma sociedade mais filosófica e plena de valores.

“Tochas na Caverna”, com algumas sugestões e partilhas, sublinham a morte do Profano e o trabalho íntimo, simbólico e transmutador que precisamos de fazer.

Finalizamos falando dos 300 anos da Maçonaria que este ano se comemoram porque é sempre bom recordar as nossas origens, como uma casa a que se volta sempre.

Relembrem-se os primórdios da Maçonaria tal como ela se estrutura hoje, a formação da primeira obediência maçónica, a Grande Loja de Londres e Westminster e, de forma genérica, as Lojas que primeiro sentiram a necessidade de trabalhar em conjunto.

Aproveitem o mais possível todos estes trabalhos e usem-nos como pistas de reflexão para o caminho que estamos todos a percorrer na direcção da Luz.

Recebam o meu forte TAF

Maria de Fátima Pires

Pres: . do C: . N: . da Federação Port. do Direito Humano



O crescimento, o desenvolvimento do D.H. e a capacidade de envolvimento dos seus membros, como foi proposto na última Convenção, realizada em Junho de 2015, dependerá muito de uma boa comunicação interna, mas também de estabelecer uma fiel e sistemática comunicação externa com o mundo profano.

Será a Internet, uma oportunidade de comunicação mundial, a desenvolver e utilizar enquanto ferramenta maçónica e se convenientemente administrada, será uma nova janela para a divulgação, crescimento e fidelização à Maçonaria?

Hoje em dia, quem não acompanha ou usufrui das novas tecnologias não consegue fazer chegar tão longe, nem tão rapidamente a informação que lhe possibilitará dar-se a conhecer, angariar seguidores ou mesmo conseguir adesões para causas, mobilizar para os mais variados tipos de acção. A Maçonaria não é uma excepção.

A realidade digital do mundo da Web chegou e impôs-se no mundo profano e por consequência no mundo maçónico. A realidade da comunicação, enquanto matéria de estudo, contempla actualmente a divisão entre offline e online. Esta mesma realidade vem sendo assimilada pelas várias Obediências Maçónicas com a preocupação fundamental em recorrer às várias plataformas online para divulgar os seus princípios e a sua actuação no mundo.

O primeiro fenómeno online a acontecer foi claramente o uso do correio electrónico (Estando todos nós numa Obediência Internacional, tornou-se imediata e real a possibilidade de transmitir todo tipo de

documentação e informações para praticamente qualquer parte do mundo.)

Assim, aquilo que sempre foi entendido como secreto ou discreto, afinal começava a chegar a todos aqueles que tivessem acesso à Internet. De uma vez por todas, a democratização da informação que o mundo online nos permitiu, enquanto cidadãos, também permitia um acesso rápido e praticamente coletivo a tudo que quiséssemos divulgar no âmbito de informação maçónica.

Abunda muita informação na Internet, mas muita contra- informação também, muito facto e muito mito, muita clarividência e imensa ilusão, muita luz sim, mas também muita escuridão. Precisamente por isso, não nos devemos abster da comunicação por este meio, levando alguma luz e desmistificação ao que existe de fonte duvidosa.

Na Maçonaria, este meio, utilizado como uma útil ferramenta, serve para divulgar os nossos princípios e os valores de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ao serviço do progresso individual e social. Ao mesmo tempo que cumpre a função de informar correctamente pelos meios e termos correctos, evitando o estupro por agente ou agremiações mal intencionadas e anti-maçónicas. Uma utilização correcta e equilibrada desta informação na internet cumpre a função democrática de levar os nossos princípios e valores a profanos livres e de bons costumes, que desejem pedir a sua admissão à nossa Ordem. Se este meio veio democratizar a informação e permitir o seu acesso mais facilmente, em qualida-

de e quantidade, teremos, no entanto, de colocar algumas reservas na sua utilização, principalmente por questões de segurança, tanto dos dados como das suas interações.

A internet é também organização individual da informação disponível, ainda antes de ser facultada ao utilizador. Como um organismo vivo apresenta, a quem a ela acede, a informação estruturada de acordo com a pergunta (pedido) efetuado à rede e, em conformidade, com o repositório de informação que a rede tem sobre quem faz a pergunta; a estrutura da resposta, ou melhor dizendo, a ordem de transmissão/disponibilização da informação é feita, tendo por base alguns parâmetros quantitativos para a disponibilização, que influem qualitativamente na informação, que é efetivamente acedida. Será de acordo com o perfil obtido, a partir dos acessos anteriores, que a informação é disponibilizada, ou seja, quando se procura informação na internet, por mais asséptica que a mesma possa parecer, não só a busca é feita de acordo com categorias internas a priori das quais pode nem se estar consciente, mas sobretudo, a informação é fornecida de acordo com a categorização que foi automaticamente predeterminada pelos programadores da rede.

Exemplo disto é o que se passa com o Google, que, através dos emails recebidos e enviados por um utilizador, forma um perfil deste e, com esse perfil, o Gmail exhibe, ao lado de cada e-mail aberto, a propaganda mais adequada para o próprio utilizador. Outro exemplo, são as experiências abusivas de recolha de dados que o Facebook também faz e que significam um efeito terrível da internet, que está a servir de veículo para a perda da privacidade. Mais ainda, por meio das redes sociais impõe-se a mentalidade de que não deve haver privacidade. O utilizador deseja

que outros saibam do que gosta, do que faz, etc. A diminuição da privacidade significa um outro prejuízo para a humanidade: a diminuição da individualidade.

Nesta reflexão, recordemos o que se passou durante a 2ª guerra mundial, em que foram perseguidos e presos muitos franco maçons. A Maçonaria conseguiu sobreviver graças ao seu carácter secreto/discreto. E porquê recordar o passado? É que hoje, pela internet, um partido de extrema direita, saberia tudo de nós em 5 minutos. Deverá pois haver muito cuidado com a sua utilização e fazê-lo com regras. Devido à conjuntura actual, de recrudescimento da extrema direita, deverão ser tomadas medidas de segurança rigorosas na utilização da nossa comunicação interna via internet, dado que através do "fishing" é muito fácil apanhar toda a informação que trocamos.

"O segredo é a alma do negócio" o que temos é valioso e devemos mostrá-lo com parcimónia.

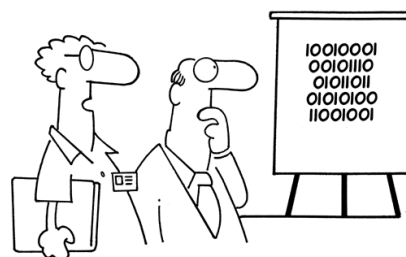
Sabemos que a internet desnuda a informação, os seus utilizadores e expõe crua e friamente tudo a que se acede, todos os dados que lá são colocados e, por isso, também é perigosa retirando o mistério da procura, dá a ilusão do saber, a ilusão do conhecimento: a internet é a informação e memória que substitui a memória da informação, convidando a buscar sempre tudo o que se quer, tudo o que se precisa de forma imediata, sem reter nada. Ao substituir a memóri-

zação de muitos dados, convida à acriticidade, ao não perder tempo para ter tempo, tudo está lá, tudo é dado, fornecido, não é preciso pensar, ponderar, decidir. Este facto prepara o espírito para aceitar o que é dado pela rede, como verdade e as opções automáticas da rede, como a realidade em si. Numa palavra, o acesso à rede, automático, permanente e repetido para saber qualquer coisa, acerca de qualquer facto ou pessoa, leva à repetição acrítica da informação, ao conformismo, à estagnação do saber da maioria dos internautas.

Devemos por isso refletir na forma e procedimento a ter na comunicação institucional, os conteúdos que temos ou que podemos produzir e em quais das plataformas queremos estar, tendo por base uma comunicação, mais próxima e interativa.

Os benefícios são os óbvios, nomeadamente, a ajuda na clarificação da informação que circula, a divulgação de opiniões que a instituição achar pertinente expressar, e por estes dois benefícios, um terceiro, que será o possível interesse e identificação de mais profanos para com os ideais maçónicos, podendo ser candidatos, a chegar até nós, de forma mais esclarecida e consciente.

Agora, que é usual divulgar informação através da internet, é também fácil espalhar a desinformação e a mentira. Há por isso cuidados a ter na divulgação de mensagens e na comunicação online:



Não sei porque não deu certo nossa metodologia de segurança... Colocamos todos os números binários de cabeça para baixo!

*As comunicações por correio electrónico devem ser remetidas via BCC para não serem facilmente divulgados os endereços respectivos;

*Nunca divulgar nas convocatórias, a direcção da loja, nem mesmo nas actas remetidas por este meio;

*Proteger por palavra-chave os documentos remetidos;

*Utilizar um disco duro, para armazenar a informação referente aos nossos trabalhos. Convém ter sempre presente que o uso da internet e da informática em geral permite aceder facilmente do exterior, devendo após a utilização, desligar a internet dos telemóveis e dos PC's;

*O facebook e os blogs podem ser utilizados para a divulgação, mas deverá ser evitada qualquer publicação de dados pessoais, fotografias, endereços dos II:. e das IIaa:.

*Usar sempre os meios corretos (sites próprios):

*Institucionalizar as comunicações (promover a utilização de domínios próprios).

*Adequar a linguagem ao tema em



Enigma—Encriptador e descriptador alemão desenvolvido para fins comerciais a partir dos anos 20 e usado durante a segunda guerra mundial. A decifração do código efetuada em 1933 por matemáticos polacos e aperfeiçoado mais tarde por uma equipa de matemáticos ingleses permitiu o sucesso na detecção dos movimentos do exército alemão e acelerou o fim da guerra. Turing que desenvolveu o código que permitiu decifrar e criou uma máquina em 1940, a que chamou simplesmente Vitória. Três anos depois, essas máquinas interceptavam e descodificavam cerca de 84 mil mensagens por mês, cerca de duas por minuto. Foi condenado por ser homossexual e sujeito a um tratamento pioneiro na altura, a castração química, sendo afastado do trabalho que desenvolvia. Fonte: diversas páginas da internet.

questão, manter sempre o mínimo de formalidade e correção nas comunicações.

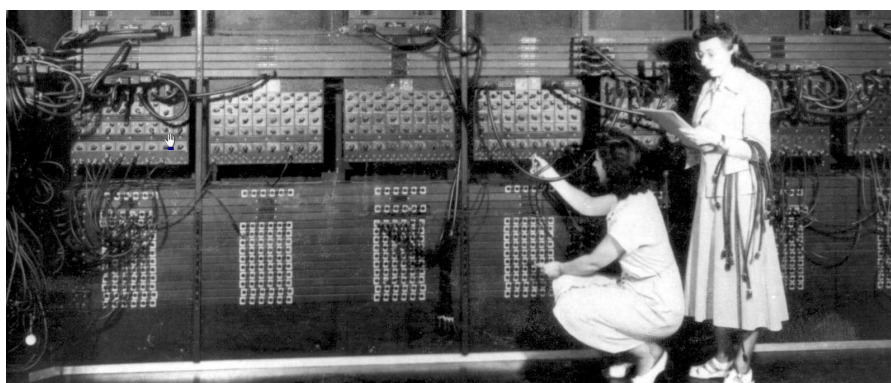
*Definir regras para o uso da Internet, de forma segura, ao nível da Federação Portuguesa;

Em relação à Ordem Internacional e à Federação Portuguesa, a comunicação destas na Internet deve virar-se mais para o mundo profa-

no e o site destas instituições, deve ser o local adequado para emitir opiniões sobre o estado da sociedade segundo os ideais maçónicos de igualdade, liberdade e fraternidade e para reagir a eventuais ataques ao bom nome destas instituições. O Facebook apenas deverá complementar os portais oficiais destas organizações, funcionando como uma espécie de relações públicas usando uma comunicação mais coloquial e menos rígida da Ordem Internacional e da Federação Portuguesa com o mundo profano. Os temas sociais, como por exemplo as sínteses anuais e textos de divulgação, elaborados com essa intenção, devem ser tornados públicos, revelando a nossa natureza progressista.

Os espaços privados (no facebook, sites...) têm sempre fragilidades que podem possibilitar infiltrações, pirataria de dados... Também poderá cair na banalização, pois hoje todos falam de tudo como se fossem grandes conhecedores. A administração destes espaços requer muito cuidado e uma sistemática e especial atenção.

Ao contrário do que alguns menos



Construído em 1943-45 na Universidade da Pensilvânia o ENIAC (Electronic Numerical Integrator And Computer) foi o primeiro computador a ser desenvolvido. Tinha 46 m de comprimento. O ENIAC começou a ser desenvolvido em durante a II Guerra Mundial para calcular trajetórias táticas que exigissem conhecimento substancial em matemática, mas só se tornou operacional após o final da guerra. O ENIAC permitia calcular em 30 segundos uma trajetória que levava a um ser humano 20 horas. Esta foto do Exército dos Estados Unidos mostra duas programadoras (Gloria Ruth Gordon [Bolotsky] e Ester Gerston) em trabalho no ENIAC. Fonte: ENIAC USA 1946. History of Computing Project. Consultado em 2017-06-15.

esclarecidos pensam, não navega a maçonaria em águas subterrâneas, os maçons são neptunos luminosos, nasceu-lhes na alma o direito e o dever de emendar a existência.

Assim, seja qual for o parecer, sobre os benefícios e riscos da comunicação maçônica na Internet, há valores a não descuidar.

Nas regras e deveres da maçonaria lembra-se a discricção à qual estamos obrigados em relação ao mundo exterior. O ritual é um código de palavras, gestos e símbolos, e assim deve permanecer. Os ritos e a meditação sobre os símbolos devem conduzir-nos a um novo olhar sobre nós próprios e à percepção do mundo que nos rodeia, na sua realidade mais subtil e inteligível. O isolamento do mundo profano é, pois, uma condição essencial para que o trabalho se processe. Devem os maçons assegurar-se de que as portas do Templo continuem a coberto, pois que a práxis Maçônica consiste num sistema de comunicação, utilizando uma linguagem e uma simbologia particulares, que proporcionem ao iniciado, um maior entendimento da vida e um encontro mais profundo com os seus semelhantes, na construção de uma Obra em comum.

A projeção contemporânea da Internet deve ser utilizada como um veículo para promover a maçonaria e defendê-la de ataques contundentes antimaçônicos. O público ignorante e sedento de entretenimento, facilmente se deixa manipular e persuadir em teorias de conspiração, os media sabem disso e, através da técnica de *sound bites*, que usa a mente subconsciente a aceitar as informações sem discriminação, levam a bom porto os seus intentos. Para combater essa difusão insidiosa, nós, maçons, teremos de ser pró-ativos. O problema não está na Internet, mas sim na ignorância, na intolerância e fanatismo dos Homens, cabe-nos a nós, por esse meio,



Sede do Facebook—O MPK20, desenhado pelo arquiteto Frank Gehry e localizado em Menlo Park, na Califórnia. O complexo tem mais de 131 mil metros quadrados e capacidade para 2 800 funcionários.

também combatê-lo. Ficar ausente da Internet não é pois a solução, devemos com as cautelas que se impõem entrar no mundo virtual e, ponderando bem o que lá pomos, esclarecer, informar e atrair verdadeiras pedras brutas, jovens e não só, que desejam ser esculpidas de modo a construirmos o nosso templo interior, a que nos propomos todos os dias, quer pessoalmente, quer em Loja.

Perante tudo isto, considera-se que a internet comporta em si a dualidade dos opostos, que convém sempre equilibrar. Tem que se ter em conta os riscos e protegermo-nos o mais possível deles, no entanto saber também tirar o adequado partido dos enormes benefícios que este novo meio de comunicação permite. Isto num mundo onde a manipulação das massas, nomeadamente através dos mais recentes avanços em engenharia social, atinge níveis de controlo das mentes cada vez mais impressionantes. Assim, devemos estar alerta, saber fazer escolhas sábias e prosseguir aprendendo e aperfeiçoando.

Entende-se pois a utilidade das várias plataformas do mundo online nas suas mais variadíssimas expressões de um modo geral positivo, no entanto ele só pode ser entendido como meio facilitador de transmissão de informações. Os verdadeiros conhecimentos maçônicos obtêm-se em cada Sessão de

Loja, em cada Ritual Praticado, em cada transformação individual. Da Loja ao Templo vai uma distância imensurável que jamais poderá vir traduzida em qualquer plataforma online ou offline.

A Maçonaria é um acto de criação que só existe porque é partilhado e construído presencialmente entre os membros e, de outra forma, a Transmissão jamais aconteceria. Deveremos ter um cuidado especial e uma parcimónia na utilização da internet para os nossos propósitos, para não desvirtuar aquilo que faz de nós, maçons da modernidade, não SECRETOS mas DISCRETOS e para afastar toda a curiosidade, utilizada perversamente pelos anti-maçons, que poderão fazer perigar o nosso Equilíbrio e quebrar o sigilo de quem quer ou tiver de estar “a coberto”.





Introdução

Jacques Fontaine no livro “La Franc-Maçonnerie - Trois Clefs vers La Conscience”, considera a maç.: como uma psicagogia, palavra do séc. XVI que significa *o que conduz o espírito*. Nesta perspectiva, a Maç.: não é nem um ensino nem uma terapia; a psicagogia põe a questão da finalidade e métodos, a maç.: propõe e tem como objectivo o desenvolvimento do ser e um método.

A Maç.: não segue dogmas na busca do caminho da transcendência ou do aprimoramento pessoal, visando em última instância a cidadania e a acção social, ou seja, a energia acumulada no caminho iniciático (procura da verdade, libertação, sabedoria e infinito), centra-se em dimensões como a espiritual e social.

Como membros da maç.: universal, fazemos parte da egrégora de uma Ordem que visa o crescimento espiritual, a solidariedade e bem comum, sendo mantida por cada um de nós, pelo nosso interesse e trabalho, formando assim algo superior e indestrutível (para que exista cada vez mais integração e solidariedade), à qual a humanidade pode recorrer; um dos objectivos fundamentais da maç.: é a união dos Ilr.: e lala .: de tal forma que possam parecer um só corpo, uma só vontade, um só espí-

rito, formando um templo coeso, compacto, enfim, uma unidade formada por partes heterogéneas, sendo a cadeia de união a expressão da rara capacidade que os maç.: têm de utilizar a diversidade para o bem e o objetivo comum, um símbolo de unidade, onde as energias individuais se congregam. Na L.: a corda com os laços do amor (imagem da solidariedade) representa a cadeia de união permanente, é a imagem da união fraterna que liga, por uma cadeia inquebrável, todos os maç.: em busca da fraternidade; dado ter como finalidade prender, separar, demarcar ou unir, a corda simboliza, também, o segredo que deve rodear os nossos mistérios.

Enquanto membros de uma grande instituição, os maç.: imbuídos de amor fraterno universal, estão “acorrentados” uns aos outros, unidos numa longa cadeia onde a energia de cada um é canalizada para a “egrégora”, formada por todos, de modo a que as energias individuais se unam. A “cadeia de união” mostra-nos o valor e a força de um rito que envolve o indivíduo e a coletividade.

Até hoje já muita tinta foi usada por muitos maç.: para fazerem Peças de Arq.: sobre a Cadeia de União e a Egrégora. Iremos abordar, em primeiro lugar, a definição do conceito de egrégora, para seguidamente o relacionarmos com o trabalho

maç.: desenvolvido em L.:

Definição de egrégora

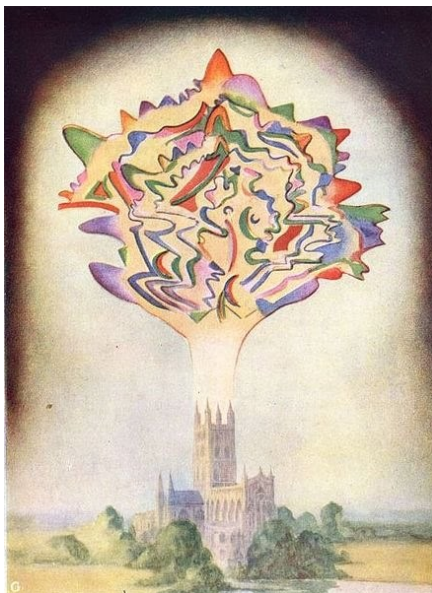
O termo *egrégora* ou *egrégoro* importado da língua francesa, surgiu por volta de 1850 em algumas obras de literatura francesa, sendo amplamente divulgado e refletido pela Sociedade Teosófica, no início do séc. XX; ao longo do século XIX, alguns autores esotéricos como *Stanislas de Guaita*, denominavam entes intermédios entre o homem e a divindade, de anjos ou *egregors*.

É possível encontrar a origem deste conceito na palavra em Latim “*aggregare*”, “*gregariu*” (significando reunir, congregar, o que faz parte da grei, ou seja, rebanho, congregação, sociedade, conjunto de pessoas), assim como no termo grego *egrégorsis*, *egrégoroi* ou no verbo *egrégorein* que significa «velar, vigiar, despertar, acordar, levantar-se», designando tanto a soma de energias colectivas, mentais e emocionais, como um campo de energias extra-físicas. “As egrégoras podem ser descritas como concentrações ou “esferas” energéticas criadas quando várias pessoas têm um mesmo objectivo comum. Trata-se de um conceito místico-filosófico com vínculos muito próximos à teoria das formas-pensamento, na qual todo o pensamento e energia têm existência, podendo circular livremente pelo cosmo” (in Wikipédia) e da qual é possível utilizar essa energia que fica disponível por aquele que sintonizar com ela através dos pensamentos e emoções e potencializar os seus efeitos.

Muitos de nós podem pressentir uma energia armazenada, um misterioso centro energético como uma onda que flutua no ar e sentir a sua intensidade e harmonia; captar a egrégora pode significar captar o verdadeiro poder da fraterni-

dade humana e, por isso, o desejo das instituições universalistas em ver todos os homens vivendo como irmãos. Em L.: a egrégora será a (força) resultante da energia gerada pelos elementos que a constituem. Será, assim a representante da “Forma-pensamento”, forma, porquanto somos todos forma simbólica, linhas e curvas esquadradas e compassadas.

Todos os grupos humanos possuem egrégoras características. Há egrégoras perigosas, como as que, por exemplo, propiciam guerras, lutas e conflitos, fundamentalismos jihadistas ou o nazismo, tendo por base o ego distorcido de alguém que consegue contagiar mui-



Representação de uma Egrégora - Forma sugerida por uma música de Charles Gounod, de acordo com Annie Besant e C.W. Leadbeater em *Thought Forms* (1901). Annie Besant e Charles Leadbeater estiveram na origem da criação do Rito Lauderdale

tos à sua volta (adeptos) até formar exércitos, grupos organizados, terrorismo, etc. São egrégoras fruto de egos mal controlados e distorcidos.

Para autores como *Oswald Wirth*, discípulo de Guaita e seguindo os antigos hermetistas o conceito de Egrégora pertence ao esoterismo

ocultista, na medida em que é uma força viva, abstrata e virtual criada pela síntese das consciências de seres humanos agrupados – normalmente segundo um ritual, cujas vontades convergentes criam em uníssono, uma ideia mãe, ou seja, um campo de energia subtil onde se congregam forças, pensamentos ou vibrações com um determinado objectivo.

Em suma, a “egrégora” pode ser compreendida como sendo a força física, psicológica, emocional ou espiritual, associada à consciência de grupo, gerada e alimentada pela energia de duas ou mais pessoas, que se reúnem com qualquer finalidade, no nosso caso com uma finalidade ritualística positiva e harmoniosa, procurando uma vivência coletiva, entre Il.: e lala.:, com uma dimensão holística, total e unitária. Não devemos esquecer que a egrégora de uma L.: se junta à de outras egrégoras maç.:, nomeadamente à de outras LL.:, da nossa Ordem, da maç.: universal e ainda à egrégora energética de todos os maç.: que nos precederam; podemos assim considerar que a egrégora maç.: é talvez uma das mais poderosas que existem, preparando-nos para um novo estado-de-ser, mais harmonioso e positivo, de forma a contribuirmos para o nobre desígnio de progresso e fraternidade universal.

A importância da egrégora e cadeia de união no trabalho maç.:

A egrégora está presente em todas as reuniões rituais; começa a ser preparada logo quando o M.: C.: à entrada do templo pede aos Ilr.: e lala.: um minuto de silêncio e harmonização, forma-se na abertura e encerramento dos trab.:, nas baterias e aclamações colectivas, constituindo a cadeia de união o momento crucial onde a energia de cada um é canalizada para a egré-

gora, procurando-se estar em consonância, numa atitude de integração cósmica.

A L.: (algo de imaterial e não o somatório das pessoas que a compõem, nem do espaço físico que ocupam), constitui um espaço sagrado onde todos nos encontramos na procura do sentido da vida, do encontro com o nosso eu mais profundo, onde podemos desvelar as nossas máscaras e finalmente aceder a esse eu, meditar sobre o que realmente viemos fazer a este mundo, do sentido que encontramos naquilo que construímos, do serviço a que nos propomos, do ideal da perfeição ou da totalidade, do progresso da humanidade.

Os desafios são muitos desde os corporais aos mentais e emocionais. Todo o trabalho ritual é um trabalho minucioso e ambicioso, permite-nos desvelarmo-nos; é difícil estar sentado com os pés paralelos e à largura dos ombros, em posição egípcia, para que o enraizamento possa acontecer, mas também é importante ter a coluna reta para que a energia possa circular de cima para baixo e de baixo para cima, sem obstáculos (o corpo deverá estar relaxado para que a nossa mente adquira o vazio que vai ser preenchido com as impressões que vamos tendo através dos sentidos).

Quando antes do início de cada sessão o(a) l(a):. M.:de C.: bate com o bastão no chão e pede aos llr.: que façam silêncio e desliguem o telemóvel, preparamo-nos para fazer uma viagem numa nave que é um templo maç.: com uma egrégora que depende dos que a compõem e da qual nos alimentamos quando entramos e ocupamos os nossos lugares.

Depois de cumprirmos o nosso primeiro dever em L.: que é o de verificar se o templo está coberto, refletimos se cada um de nós, no



Efeito de uma Egrégora... A Marcha do Sal, liderada por Ghandi que foi arrastando atrás de si milhares de indianos num movimento pacífico de desrespeito por uma lei considerada injusta. Em 1930, Ghandi recolhe sal no mar, após uma viagem de 300 km, desrespeitando a lei colonial britânica que obrigava a que todos os indianos inclusive os mais pobres, a pagarem um imposto sobre o sal e lhes proibia recolhê-lo eles mesmos. Esta marcha do Sal foi um dos acontecimentos que conduziu ao fim do colonialismo britânico na Índia.

templo do seu coração, está a coberto das suas intempéries e dos seus profanos interiores. O maior perigo ou um dos maiores perigos dum Ordem Fraterna é o ego. A voz interior pode incitar-nos a

mostrarmo-nos para sermos reconhecidos, a exaltarmo-nos para sermos apreciados, a impormo-nos para sermos respeitados ou a ser permissivos ou displicentes. Fugir do ego é como fugir da sombra, pois não se consegue deixar de ouvi-lo, mas pode-se desenvolver uma capacidade de transformação e auto-domínio, uma certa compreensão e consciência da conexão do eu com o outro e com o meio.

O nosso encontro numa L.: maç.: é o de llr.: que se reúnem para realizar, entre outros, o trabalho sobre a pedra bruta, caminhar para dentro de si mesmo, visitar o próprio interior e aí retificando encontrar a pedra oculta, o diamante já em lapidação. Este trabalho, necessita de ser realizado com avental, devendo processar-se na maior das tranquilidades, com uma completa ligação entre corpo e mente, com enraizamento e centramento, para que as nossas faculdades físicas, mentais e intuitivas possam exercitar-se; desta forma se poderá provar de um estado de tranquilidade e de comunhão com os outros que poderá gerar mudança e acção.

Na verdade, não queremos nem desejamos que a nossa viagem sofra percalços. O que queremos mesmo é que chegue a bom porto, ou seja, que a luz se faça. Com isto não quero dizer que a viagem não seja turbulenta, por vezes, como



vimos logo na iniciação é feita de perigos e ruídos, sobretudo na prova da água, e precisamos do apoio dos nossos Ilr.: para realmente chegarmos a bom porto. Precisamos de luz e também de escuridão, de vazio, e por isso, preparamo-nos para apresentar a taça vazia (atenção e silêncio – o que Mircea Eliade encontrou de comum a todos os casos de alegado sagrado). Preparamo-nos para receber dos nossos antepassados e dos contemporâneos um património imaterial de energia e informação, algo que se projetará no futuro para as gerações vindouras e que perdurará através dos tempos. Um património imaterial de silêncios, pensamentos, atenções e emoções, que, com a nossa colaboração, encherá ainda mais os tesouros das egrégoras maç.: e da L.:.

Ao fazer o silêncio adentrando-se e deixando-o emergir para camadas cada vez mais profundas /superficiais poderá reunir-se o que está separado, poderão conciliarem-se os opostos, escutando-os e tolerando as diferenças que no mais profundo são nossas e nos são espelhadas através dos outros e de nós mesmos; assim poderemos estabelecer a ligação do céu com a terra, do prumo ao nível, do setentrão ao meio-dia, do oriente ao ocidente, através de nós mesmos. O trabalho maç.: é abrangente desafiando-nos a colocarmo-nos integralmente naquilo que nos propusemos fazer.

É neste ambiente de abertura silenciosa e atenta e seguindo as regras do método maç.: que o(a) V.: M.: pronuncia: “E agora minhas lala.: e meus Ilr.: formemos a cadeia de união”.

Nestes momentos os Ilr.: interagem, partilham algo entre eles, silenciam, fecham os olhos, meditam durante uns instantes de silêncio, conciliam os seus pensamentos, unem os seus corações para



Cadeia de União

além das suas mãos nuas e dos pés que se tocam, reúnem-se no meio do templo e abraçando-se a si próprios pois que de braços entrelaçados oferecem as mãos uns aos outros, com a direita dando e a esquerda recebendo. Formada pela união das mãos das lala.: e dos Ilr.: que assim unem também os seus corações, esta jóia da L.: pretende demonstrar a igualdade, a união e a fraternidade de forma que, canalizando energias internas, capta-se o ser superior do G.:A.:D.:U.:, constituindo-se o auge da egrégora da L.: por ocorrer já no final dos trabalhos, pretende-se também que a energia de amor e paz gerada até esse momento, tendo atingido o seu auge na cadeia de união, percore nos nossos corações e nos possa acompanhar no mundo profano.

Nas tardes ou noites frias de Inverno, sentir o calor das mãos das lala.: e dos Ilr.: mesmo ao meu lado torna-se um bálsamo revigorante que aquece corpo e alma. Fechar os olhos e sentir a energia é simultaneamente sentir o tempo em suspenso por alguns minutos, como se o planeta parasse no seu ponto mais solarengo e no seu momento de maior ternura. A magia da igualdade e da fraternidade acontece ali, quando não olhamos, mas vemos com o coração. Ali, inebriados pela beleza da música que nos deve sempre acompanhar, todos somos iguais, conseguimos,

naquele momento, a igualdade e a verdadeira solidariedade que vamos buscando incessantemente no mundo profano, um mundo onde a névoa da discórdia, do egoísmo e da desconfiança tolda os corações dos homens que, dessa forma, tendem para o individualismo exacerbado em detrimento do coletivo.

Somos... mãos e Irmãos; reflectimos sobre a palavra Irmão. Etimologicamente remete para "Filho do mesmo pai e da mesma mãe", mas é a sua decomposição feliz na língua portuguesa que nos prende livremente nesta cadeia de pensamento. Irmão. Ir ao encontro da Mão. Vou ao encontro da mão. Vamos, Irmãos e Irmãs, juntos ao encontro de cada uma das nossas Mãos. Formemos uma vez mais a cadeia em que damos e recebemos as mãos, em que nos unimos e nos entrelaçamos, em que juntos vigiamos o Mundo, em que as nossas energias se congregam. Dêmos as mãos. Não a tua ou a minha. A mão que é nossa. Se há só um Amor, estas mãos que são juntas, são uma.

A união é o que nos dá força e nos desloca das trevas, que atravessamos nesta vida, para a luz do amor universal e eterno. A cadeia de união é como o arco-íris, com as suas sete cores tão diferentes mas todas partem de uma única centelha de luz. A cadeia de união é, no fundo, o

tempo dentro do tempo numa outra dimensão do ser. Na egrégora maç.: não há singular, nem plural, há união, o todo representativo do que está no alto, está em baixo. A cadeia de união vem do passado e tende para o futuro, liga-nos indissolivelmente no tempo e no espaço, evidenciando a fraternidade humana, a união dos que aceitaram formar uma corrente eterna, tal como eternos são o amor, a bondade, o progresso e a justiça. Através dela estamos religados àqueles que a formavam ontem, os nossos ancestrais e antepassados, e através dela juntar-nos-emos àqueles que a formarão amanhã, as gerações vindouras. É a altura em que os nossos seres se fundem, em que o fluido que circula, é o amor que nos conduz para a luz.

É um momento de união consciente com todos os franco-maç.: espalhados pela superfície da terra, é o momento de elevação dos nos-

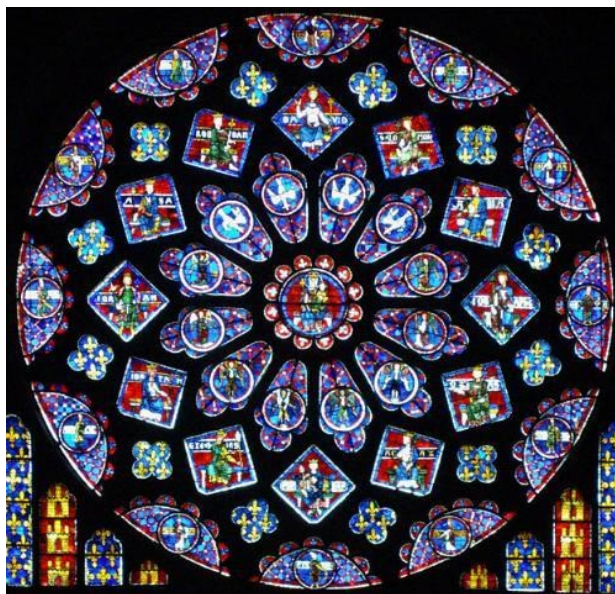
sos corações para que a egrégora maç.: se torne presente e dela possamos beber do espírito de liberdade, igualdade, fraternidade, do momento de vibração amorosa para com todos os maç.:, presentes ou ausentes, visíveis ou invisíveis, felizes ou infelizes, livres ou acorrentados, conhecidos ou desconhecidos.

É o momento da promessa que ficará gravada na egrégora maç.: de conservarmos uns pelos outros a mais fraterna afeição e perfeita estima permanecendo estreitamente unidos, mesmo quando as nossas mãos se separam, porque o que as une jamais as separará.

É o momento que nos conduz à visualização da unidade, formando um só corpo e um só coração, que leva à tolerância da fraternidade, à compreensão plena e deslumbrante de que “cada homem é em essência, um conceito do universo diferente de todos os outros” (Fernando Pessoa), mas que faz

parte do universo que somos todos nós e que é indissociável dos outros. Somos diferentes e únicos por isso cada um de nós é um ser potencialmente criador porque somos o próprio universo.

Este é o momento de partilha e de energização da L.: de quietude, de meditação onde a atenção é dirigida para aqueles que nos precederam no tempo e no espaço e da compreensão de que nós próprios somos os elos que a farão perpetuar-se no futuro e que desejamos que novos e numerosos elos venham enriquecer esta cadeia, para que possamos estar em paz e sentir tranquilidade por sabermos que o conhecimento nos é transmitido e nunca se perde pois o transmitiremos às gerações vindouras; é-nos transmitido através da egrégora, dessa concentração energética que se vai tornando cada vez mais forte, que actua sempre em que pelo menos duas pessoas estejam reunidas, e da qual podemos beber sempre que tivermos sede. A cons-



Rosácea e vitrais da Catedral de Chartres (Século XVII) - A intenção era que à hora em que os fieis se reuniam para celebrares as Vésperas (hora canónica correspondente ao por do sol) a luminosidade avermelhada criasse um fogo que despertasse o fulgor iniciático nos crentes

ciência é fundamental para permitir que haja o discernimento da formação de uma egrégora construtora, alicerçadora do templo do progresso da humanidade e de todos os seres do planeta.

Deixamos então a cadeia de união, comprovando por 3x a solidez da cadeia, não esquecendo que ela jamais se rompe pois que nos liga indissolúvelmente a todos os Ilr.: e lala.: do mundo inteiro.

Ao potencializar a egrégora da L.: , permitimos que seja nossa inspiração no mundo profano, que ilumine o nosso caminho, a nossa vida, que esta poderosa energia de Liberdade, Igualdade, Fraternidade, de Luz, Força e Beleza, adquirida nos hangares da nave em que viajamos, na nossa cadeia de união, na nossa egrégora, se propague, se espalhe ao mundo inteiro!

Conclusão

A dramatização ritualística na maç.: é constituída por pensamento e sonho, no sentido de construção de um arquétipo sagrado, da egrégora, que tem muito mais força para mudar e criar a realidade, pois a energia enviada é muito mais forte e poderosa que a dos estados de ser individuais. Se vibrarmos coletivamente em harmonia, alegria com a vida e amor pela humanidade, animais e natureza, o campo quântico responderá com mais alegria, amor e harmonia. No fundo, trata-se de construir em nós mesmos um templo e um tempo originais, no sentido mítico e espiritual. Através do jogo da dramatização abrimos em nós canais psicológicos que permitirão o fluir de energias vivificadoras e transformadoras cujo resultado será a assunção do homem novo, neste caso do maç.: em constante renovação.

A Egrégora é a alma da loja. O que nos une, faz-nos sentir parte de



Mandala tibetana, budista —em sânscrito significa círculo. É conhecida a sua relação com o Budismo e o Hinduísmo, encontrando-se presente no Rigveda, um texto sagrado hindu, escrito aproximadamente entre os anos 1500 e 1000 AC. É usada em rituais e em meditação, usualmente construída em conjunto grupo de monges. Definem o espaço à semelhança do Cosmos, ajudando o praticante a focalizar-se e ter acesso a níveis progressivamente mais profundos do inconsciente e a atingir um estado místico de união com o cosmos.

algo maior, e ajuda-nos no caminho em direcção ao centro. O espírito não conhece o tempo, nem as circunstâncias, apenas reconhece o propósito maior com que todos damos as mãos em ritual, constituindo uma egrégora onde estarão presentes todos os Ilr.: de todos os tempos. É nesta simbólica, que nos reconhecemos como iguais. É a cadeia de união que preserva o segredo maç.: da egrégora; dependemos das energias de cada um para a nossa própria manutenção e plenitude, assim como a egrégora maç.: depende da energia de todos nós em conjunto e do nosso trabalho em L.: (a egrégora constitui uma grande força coletiva que nos alimenta e que se alimenta da energia de cada um de nós, daí a nossa obrigação moral e espiritual de cuidar da nossa própria energia de forma a poder partilhar e gerar luz).

Cabe-nos respeitar a natureza da egrégora da nossa Ordem, sendo de realçar que quantos mais

iniciados se harmonizam com a vibração da tradição maç.: mais a egrégora dessa antiga tradição cresce em energia. Por outro lado, quanto mais unidos formos, e quanto mais conhecedores formos do mundo, quanto mais evoluirmos e fizermos o mundo evoluir, mais o mundo nos dará a nós próprios, do mesmo modo que a todos os seres do universo.





A Árvore da Vida—Gustav Klimt, 1909

“Simbologia Maçónica e auto-conhecimento.”

“A crise como oportunidade de renovação e de crescimento.”

As frases acima referidas constituem os temas, social e maçónico, que iremos trabalhar durante este ano maçónico 2009/2010 na nossa Resp.: L.: e na nossa Fed.: Nac.: da Ord.: Maç.: Mist.: Int.: “Le Droit Humain”.

São dois temas que no fundo se encontram interligados: **a crise**, qualquer que seja ela e em que nível se encontrar, só se poderá compreender e ultrapassar se nós formos possuidores de um autoconhecimento que nos fornecerá as ferramentas necessárias, escolhidas por cada um de nós, para as manusear de forma a minorarmos as dificuldades encontradas e simultaneamente a percorrer um caminho seguro e equilibrado para seguirmos em frente.

A crise poderá ser colectiva, mundial como está a acontecer este momento concreto e nesta conjuntura política internacional. A crise poderá ser individual, psicológica ao nível de cada um dos seres humanos, homem ou mulher.

No que diz respeito à nossa praxis concreta, em Maçonaria o momento de uma iniciação é um momento de crise. É um momento em que, iniciandos e iniciadores,

põem em causa o vivido e procuram o novo, o desconhecido. Inclusivamente até se deixa escrito um testamento filosófico!...

A Iniciação é a porta de entrada, é o limiar para um novo mundo e uma nova experiência de vida, contudo desconhecida...

Recordemos Victor Hugo quando afirma que:

«É no interior de nós próprios que é preciso olhar o exterior. O profundo espelho sombrio encontra-se dentro do homem. É lá que está o claro-escuro terrível... [sem sombra] Ao debruçar-nos sobre este poço, nós aí apercebemos a uma distância abismal, num círculo estreito, o mundo imenso...».

Pela sua beleza e profundidade vou apresentar-lhes de seguida o excerto de um texto, datado de 1921, todavia pleno de actualidade, da autoria de D. Mario Roso de Luna, cujo conteúdo se insere perfeitamente no nosso objecto particular de estudo:

Excerto de “El Reino Encantado de Maya”

D. Mário Roso de Luna, 1921

«(...).

En edades primitivas o “de Oro” reinó soberana la Verdad hasta que la Mentira, logró disfrazarse de Verdad y engañar al mundo con su Maya o ilusión. La Verdad desnuda fué rechazada desde entonces por los hombres, enamorados ya de las apariencias de la Mentira, pero ella, a su vez, se disfrazó con el “Velo de Isis” transformándose así en mito o fábula, y en Parábola sus consiguientes enseñanzas.

Hubo un hombre sin embargo – habría y hay tantos en todas las Edades! – que buscó decidido la verdad en el mundo, en la corte, en el claustro, y doquiera le dijeron “hace ya muchísimo tiempo que estuvo aquí, pero desapareció y nadie ya ha vuelto a encontrarla”. Los dioses, envidiosos de la grandeza del hombre, la habían hurtado, y escondido nada menos que en el propio corazón humano, porque si lo hubiera hecho en otra parte, monte, abismo, nube o desierto, el incansable anhelo progresivo del hombre la habría encontrado al cabo, mientras que llevándola él, sin saberlo, dentro de su pecho, donde no mira por desgracia nunca, le sería imposible el volverla a hallar. Aleccionada, al fin, la Humanidad por el rebelde Prometeo logra encontrarla mediante esa máquina terrible de invención y hallazgo que se ha llamado desde entonces Filosofía, o “nósce te ipsum” socrático [o sea, en castellano: “Oh Hombre, conócete a ti mismo!”].

Con la Filosofía, en efecto, caemos en la cuenta de que la “Verdad Absoluta o Suprema”,

no está en ninguna percepción concreta, ni en ninguna ciencia particular llámese como se llame, sino en el augusto y abstracto misterio del Símbolo porque en el Símbolo concurren, se aunan y hacen compatibles las revelaciones parciales de las diversas ciencias ya que estas últimas no son sino ramas de un gran tronco primitivo y oculto.

Porque nosotros, ciegos sempiternos, tenemos siempre interpuesto entre nuestra vista y el mundo superior de la Verdad un tupido velo que se ha llamado por los poetas el “Velo de Maya” y por los matemáticos modernos “el misterio geométrico del mundo de las ene dimensiones del espacio”, desde el día

do o que julga entender por Verdad em miríades de dogmas, de leis, de convenções, de teorias, que o *ajudam a dominar a Realidade e a Vida...* segundo os seus próprios juízos e critérios.

Sempre o homem comum olha para o exterior de si próprio quando quer compreender qualquer *mistério* vital, sempre ele tem julgado que aquela Verdade intransponível e inacessível se encontra encerrada algures, em algum país longínquo, em algum livro dito sagrado, em qualquer local ou pessoa investida de autoridade. Porém, e fazendo jus ao aforismo antigo que reza: «*Não me procuraríeis se não me tivésseis encontrado já...*», restanos a possibilidade de (re) encontrar algo, e esse algo estará



Orfeu e Eurídice por Louis Ducis, c. 1810

memorable que se cortaron las comunicaciones entre este pobre mundo de los mortales y los “supermundos” de héroes, semidioses y dioses antiguos.

(...).»

Desde tempos imemoriais que os Antigos Mistérios, detentores da Sageza das Idades, têm tido como fim último da sua Demanda, a cabal compreensão da Verdade. Contudo, esta parece ser inatingível, para o homem comum, o qual, para ultrapassar a frustração de incapacidade que lhe (a)parece inata, vem transformando e espartilhan-

encerrado no nosso próprio corpo, nos nossos genes, no nosso Ser... ou, como disse D. Mario Roso de Luna, oculto no nosso Coração...

Por outro lado, o investigador moderno da Sabedoria Sagrada e dos Mistérios do Antigo Egipto, Schwaller de Lubickz numa das suas obras refere que «*não é preciso imaginar nada: é preciso calar... e escutar... É preciso olhar no silêncio, sem querer ver e aceitar o Nada, porque ao que o homem denomina por “nada” isso é a Realidade*».

Realmente uma das provas mais difíceis da Iniciação Tradicional é a

do Silêncio. Em que o neófito tem de se enfrentar a si próprio, em que tem que calar a mente tagarela e justificadora, as emoções constrangedoras e apaixonadas, as sensações ilusórias e deformadoras da Realidade para, tal como o Príncipe dos contos de encantar, possa (re) descobrir a Princesa Adormecida no seu leito do Palácio Encantado e despertá-la para a Vida através de um beijo de Amor. Para que isto aconteça, a disponibilidade do Ser deverá ser total!

Diz-nos Mircea Eliade que:

«No mundo Ocidental, a iniciação no sentido tradicional e espírito do termo há muito que desapareceu. Mas os símbolos e os cenários iniciatórios sobrevivem a nível inconsciente, especialmente nos sonhos e universos imaginários.(...)»

(...) Num mundo dessacralizado como o nosso, o “sagrado” encontra-se presente e activo principalmente nos universos imaginários. Mas as experiências imaginárias fazem parte do ser humano total, não menos importantes que as suas experiências diurnas. Isto quer dizer que a nostalgia das provas e cenários iniciatórios, nostalgia decifrada em tantas obras literárias e plásticas, revela o anseio do homem moderno por uma renovação total e definitiva, uma renovatio capaz de mudar radicalmente a sua existência. (...)»

Nos nossos tempos modernos, da escrita e do registo, existe abundante literatura sobre a Iniciação e as iniciações... muita investigação e muito “faz de conta” sobre o assunto, dos mais sérios, desde que o homem iniciou a transmissão de experiências e de vivências da *Religião [re-ligação]* e as sussurrava de boca a ouvido, para que as mesmas, ou não se perdessem ou não



A Tentação de Santo Antão, Salvador Dali, 1946

caíssem em mentes e corações menos puros porque ávidos de poder e de ter e indiferentes ao sofrimento e ao bem estar de outrem.

Um dos raros textos clássicos sobre a Iniciação aos Mistérios que chegaram ao conhecimento do grande público foi o texto de Apuleio “O Burro de Ouro”, do qual se retirou o magnífico episódio do mito de “Eros e Psique”. Fernando Pessoa já o tinha trabalhado poeticamente, dando-nos uma das “versões” mais significativas em língua portuguesa, com o seu *EROS E PSIQUE*.

Falar de Iniciação, em termos Espirituais e Psicológicos, é falar de autoconhecimento, de compaixão, de paradoxo... é falar de Caminho e de Demanda. Mas tenhamos em atenção de que a todos os momen-

tos poderemos estar *a sofrer* uma iniciação... e que talvez sejam esse conjunto de pequenas iniciações à vida que darão razão de existência àquela Iniciação Solar e Mística dos Grandes Mistérios da Humanidade. Uma sem a outra não existiria... muito menos faria qualquer sentido. Mais uma vez importa referir que “...o que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está em baixo, para realizar os milagres de um única coisa...”

É por demais interessante que, entre nós, os grandes mitos iniciáticos se tenham conservado e manifestado de um modo muito autêntico, através dos contos tradicionais e populares. Nos contos de fadas manifestam-se, pela alegoria e pelo símbolo, os desejos mais íntimos da Humanidade ao longo de toda a sua atribulada história e evolução, que afinal reside na conquista de mais felicidade, do Paraíso Perdido ou do Jardim do Éden, de Agartha ou de Shambbalah, das Ilhas Encantadas (Encobertas) ou do Palácio do Rei Pescador (da Demanda do Graal)..., consoante as diferentes culturas ou civilizações. Todavia, no fundo, trata-se de uma e da mesma Realidade: a da aspiração do Divino no Homem...



Frontispício da edição de 1905 das obras de Apuleio pela Bohn Library, Retrato de Apuleio flanqueado por Pamfilo transformando-se numa coruja e o Burro de Ouro

Em última análise, os Contos Tradicionais, mais concretamente os *de encantar*, originários muitas vezes dos antigos mitos e mistérios das

profundezas dos tempos remotos e que tão bem conhecemos das nossas infâncias... incorporam em si uma explicação do inexplicável. São contados pelo contador e são intuídos pelo ouvinte, estabelecendo-se entretanto, naquele acto, uma relação mágica, total, holística, religiosa... entre ambos.

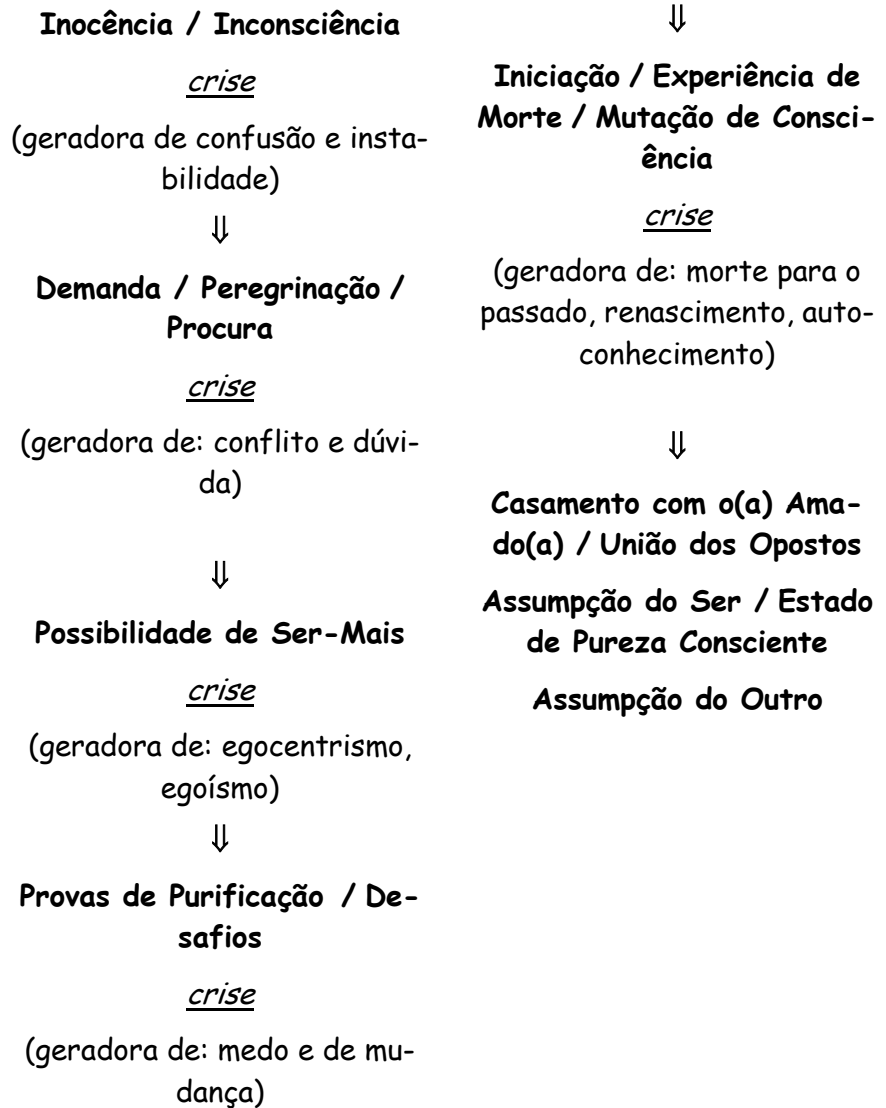
Perante o estado de calamidade em que se encontram as diferentes sociedades por praticamente todas as regiões do planeta, os contos, de tradição remota, que nos falam de mitos, de iniciações e de símbolos espirituais profundos, enquadram-se perfeitamente ao nível da prevenção social e espiritual, perante as diferentes desestruturas humanas emergentes progressivamente no nosso quotidiano.

Falamos em contos de encantar mas poderemos falar no simbolismo maçónico das nossas iniciações que, em termos processuais poderão desenrolar-se psicologicamente, espiritualmente do seguinte modo:



Chapéuzinho Vermelho. Ilustração de Gustavo Doré, XIX.

O PROCESSO DE INICIAÇÃO TRADICIONAL



A Iniciação maçónica teve origem nos antigos Mistérios, ambos têm acompanhado a evolução da Humanidade ao longo de Milénios e ambos terão desempenhado e estarão a desempenhar um papel importante e fundamental para o solucionamento das crises cíclicas que evoluem com as próprias Sociedades e com as mentalidades e idiosincrasias dos homens e das mulheres de cada tempo e de todos os tempos.

Enquanto Maçons teremos de estar atentos por um lado às causas das crises que vão acontecendo e por outro lado às respostas que, dentro de cada um e em conjunto

com todos os Ilr.: e Ilr.ª.: nas RResp.: LL.: e em cada Ob.:, for possível dar para melhorar a vida quotidiana de todos à luz da L.: I.: F.:

R.A., M.:M.:

Bibliografia:

D. MARIO ROSO DE LUNA, in "Prólogo" de *Por el reino encantado de Maya*, Madrid, 1921 (pp.8-9).
ELIADE, Mircea – *Origens*, Lisboa, 1989 (p.152).

Pergunta-se muitas vezes o que é a consciência, o que é ser, o que é o ser em concreto. A resposta é sempre difícil. "Consciência é o utilitário de segurança usado pelo homem prudente sábio com vista a uma tendencial perfeição moral." (vi num artigo de um irmão nosso)

Que significa ser um utilitário ou mesmo ser utilitário? Antes de mais, e na asserção mais chã, significa que a consciência age como um pequeno programa informático que executa tarefas auxiliares, amplia o ambiente de trabalho e aumenta a eficiência do sistema no qual é integrado (é a definição de utilitário na linguagem informática segundo a Priberam) mas que coexiste em vários sistemas diferentes.

O utilitarismo é justamente o sistema de moral que coloca no interesse, particular ou geral, a regra das nossas ações. Que ou quem tem a utilidade ou o interesse como fim principal dos seus atos. (Priberam)

A consciência é portanto um crivo ou filtro que estabelece comparações com padrões constantes na mente.

A consciência é uma capacidade que pode ser treinada e desenvolvida. O convívio, o estudo e a reflexão sobre os temas morais são elementos de treino da consciência; favorecem o desenvolvimento que se apura no sentido de sinalizar o que devo fazer em cada momento. Mas a consciência não age, não age por mim.

A consciência identifica o que é bem e mal, orienta, não actua: a ação é determinada pela consciência mas a consciência não faz, não é ação antes fundamenta-a, reprova-a, justifica-a. Onde, para existir consciência é necessário antes de mais tempo, para questionar, conhecer, aceitar a mudança e querer o progresso individual e coletivo no tempo.

A consciência é portanto ínsita, inerente, e num certo sentido, pré-existente, ao maçom que recebe ao ser iniciado a tradição e o método; é ela que deve orientar a escolha, inclusive de, membros da loja, da oficina, de modo a apenas serem admi-

dos daqueles ou aquelas a quem se reconheça (estatura moral).

A Estatura moral tem de ser consonante com os valores que a Ordem Maçónica, no nosso caso Ordem Maçónica Mista Internacional, que também é tributária do iluminismo europeu defende.

Não é por acaso que a consciência é um instrumento base do combate ao dogma.

Depois da iniciação o maçom tem na convivência com as Irmãs e Irmãos uma ocasião real de treino da consciência.

O treino é essencial para defender o interesse coletivo no qual o interesse individual se integra e não o interesse individual sobre o coletivo.

Se, e apenas se e na medida em que o esteja, a consciência do maçom esteja em sintonia com a moral universal pode até dispensar-se a leitura do livro da Lei, que no REAA tradicionalmente está no altar dos juramentos, no nosso caso o Livro Branco, a Constituição do DH, a História ou o conhecimento profundo dos Ritos e dos Rituais.

O trabalho em loja, pelo uso da inteligência, permite sucessivamente em cada obreiro, de modo cada vez mais elevado, a possibilidade transformação em sentido lato, para que em si se reúnam bons prin-



O Jardim das Delícias, Hieronymus Bosch. Museu do Prado, Madrid. Quadro fechado mostrando o exterior das portadas. Representa o terceiro dia da criação do mundo descrito no Génesis



O Jardim das Delícias, Hieronymus Bosch. Museu do Prado, Madrid. Interior do Tríptico. O quadro, um tríptico, representa a criação do mundo, lugar de utopia situado entre o paraíso e o inferno. Na aba esquerda está representado o Paraíso, enquanto que o Inferno está representado na aba direita do painel.

cípios morais, éticos, emocionais, físicos e espirituais, construindo sobre a pedra bruta o alicerce da sua consciência individual.

O maçom usa a inteligência para educar e afinar a sua consciência com o que ditam as leis naturais (sejam estas o que forem, é outra reflexão).

A consciência leva-nos, progressivamente, a uma tolerância superior face ao agir de cada homem, que não se confunde com indiferença ética ou valorativa.

A consciência identifica a linha tênue limiar da integridade, e da ética, moral e social. Há na consciência uma dimensão ativa e atuante que ultrapassa o mero estudo e reflexão abstratos, atingindo outras dimensões filosóficas e mesmo de conhecimento. Não é estática, antes obriga a trabalhar na busca da Liberdade Igualdade e Fraternidade.

O nosso passado (português e europeu) dos últimos 150 anos mostra que, quando os maçons usa-

ram a sua consciência desenvolvida desobedeceram ao que bloqueava o exercício responsável da liberdade e resistiram à imposição exterior, e pela força, de um modelo de organização social específico e ditatorial.

O maçom obedece mais à sua consciência treinada que às leis injustas, dogmas religiosos, ideologias ou doutrinas ou teorias; tem o dever de se opor a leis injustas e opressões de toda a espécie.

A consciência cava masmorras ao vício e à ignorância, quer dizer, a qualquer assumir de uma qualquer verdade, de palavras ou gestos, como absoluta. O nosso absoluto é o adogmático na teoria, expresso na prática da tolerância fraterna com os irmãos e no estudo individual, que sabe que os outros compreenderão o mesmo de forma diferente; quanto mais sabe menos conhece, e assim a consciência evolui. O Homem cultiva e condiciona sua consciência para a ação orientada ao amor fraterno.

O treino da consciência é uma atividade permanente e é por isso que na Loja os trabalhos dos maçons começam invocando o Grande Arquiteto do Universo, numa similitude com a prática religiosa, que a consciência permite distinguir e questionar permanentemente.

O maçom sabe que a maçonaria não é uma religião e que o ritual (se prepara o espírito para compreender a um nível supra racional) não dispensa este nível e, por isso, o ritual, mais que um absoluto, é um instrumento conhecido, que é manuseado de modo a que, em cada circunstância, ocorra ao aperfeiçoamento de todos os irmãos reunidos em cada circunstância (o ritual serve o crescimento dos irmãos) a forma não se sobrepõe à essência (a forma por si é vazia) sob pena de corrompê-la e de a ver esvair-se como um morto.

Para garantir a mais absoluta liberdade de consciência nas Lojas deve ser proibido o proselitismo religio-



Boneca, Paula Estorninho. Fotografia de Rui Cambraia, in "O Pátio Azul"

so, filosófico e político. Tal possibilita uma visão progressista que permite à Maçonaria sobreviver às diversas doutrinas e organizações políticas dos Estados.

Onde não existe liberdade impera a ignorância e a Maçonaria é perseguida, sendo a sua doutrina associada à expressão do mal.

A consciente defesa dos valores da liberdade, igualdade e fraternidade pode pôr em risco a nossa própria vida (nestes tempos de guerra que se aproximam) e neste caso a vida humana, tal como a conhecemos, acaba. Ficam a viúva e os seus filhos. Órfãos ela e eles, todos nós.

A consciência maçónica serve pois, sendo orientada, para diminuir os nossos receios, mas isso não faz com que as consequências da coerência sejam menos dramáticas ou fisicamente menos definitivas.

A consciência trabalhada, instruída num conhecimento científico sólido, enfrenta o medo de

forma consciente; não recua perante a morte física quando recuar seria outro modo de morrer como pessoa.

A superstição, seja no que for, esconde a consciência, paralisa-a e embrutece-a, desculpa o indivíduo das suas opções tomando-o presa do medo. Hiram Abiff é o mestre cuja consciência forjada no trabalho e no conhecimento impõe rigor e coerência, cimenta a universalidade.

Mas há outras lendas mais recentes como Adelaide Cabete, Raul Rego, Carolina Beatriz Ângelo, Magalhães Godinho, Palma Carlos, Gustavo Soromenho, Ana de Castro Osório, Gaston Vandermeer, Oliveira Marques, Marie Desraimes.

Estes e tantos outros maçons exemplares, verdadeiros mitos de um tempo único, cuja vida pro-

fissional e o legado vivencial permitem o elevado conhecimento pode, e deve, ser transmitido na loja e projetado no mundo profano.

Os nossos maiores são exemplo porque a sua concreta história de vida mostra que tinham uma consciência fina e excepcional dos três pilares, da liberdade à fraternidade (que não se realiza sem a igualdade) que rejeitou o medo.

A consciência vive e progride quanto mais se estuda e conhece; só se ama o que se conhece. A consciência como a árvore conhece-se pelos seus frutos.

A.P.B., M.:M.:



Noite Estrelada, Vincent van Gogh, 1889, Museu de Arte Moderna de Nova York





O Grande Incêndio de Londres , Lieve Verschuer, 1666

Nas primeiras horas do dia 2 de Setembro de 1666 o fogo começou a crepitar na padaria real, situada na Pudding Lane, uma rua estreita localizada não muito longe do Tamisa, onde o padeiro, Thomas Farriner, começava a sua tarefa diária confeccionando bolos para abastecer a casa real. O fogo depressa se espalhou pelo emaranhado de casas e ruas, estreitas encostadas uma às outras e que constituíam a malha apertada da cidade de Londres.

O Grande incêndio, que durou 4 dias e engoliu mais de 13.000 casas e 87 igrejas abriu caminho para que as confrarias de Maçons ganhassem a maior importância. Ao proibir a utilização de madeira nas construções, foi aberto caminho para que os construtores em pedra. Durante 40 anos, Londres foi transformada num imenso estaleiro de obras do qual devido a essa proibição, os Maçons beneficiaram muito.

A origem do incêndio foi motivo de grande disputa, durante muito tempo e em 1678, Titus Oates que fazia parte de um movimento anti católico muito activo, declarou que haviam sido os padres jesuítas os responsáveis pela grande praga de peste bubónica que havia assolado Londres em 1665 e os papistas também haviam lançado fogo a Londres em 1666. Esta acusação apenas foi removida em 1831.

No dia 24 de Junho de 1717, Sir Christopher Wren, dirigiu-se à *Goose and Gridiron Ale House* (Cervejaria O Ganso e a Grelha) para um encontro.

Sir Christopher Wren havia sido nomeado em 1669 pelo monarca Charles II, rei de Inglaterra, Escócia e Irlanda, supervisor geral das obras do rei, tarefa interessante

considerando que se encontrava em causa a reconstrução de uma parte muito substancial da cidade de Londres varrida pelo incêndio. Nessa função havia desenhado e coordenado as obras da St. Paul Cathedral, junto à qual se encontrava a *Goose and Gridiron*. A catedral havia sido finalizada 8 anos antes. Wren era então o Venerável Mestre de uma das Lojas que se iria reunir e tinha 86 anos.

As quatro lojas que se reuniram eram conhecidas, à semelhança de várias outras, pelo nome do local onde as suas reuniões tinham lugar, cervejarias ou tabernas. Eram elas:

- . *Goose and Gridiron Ale-house* perto da Catedral de St. Paul
- . *Crown Ale-house* em *Parker's Lane*.
- . *The Apple-Tree Tavern* em *Charles Street, Covent Garden*.
- . *The Rummer and Grapes Tavern* em *Channel Row, Westminster*.

A nossa história regista o início da Grande Loja de Londres e Westminster naquele dia 24 de junho de 1717, quando as quatro Lojas se reuniram na *Goose and Gridiron Ale-house* e decidiram encontrar-se regularmente a partir desse momento, quatro vezes por ano, nos solstícios e nos equinócios.

No ano anterior, 1716, havia sido realizada uma primeira reunião na *Apple Tree Tavern* onde foram esboçadas as primeiras linhas da inédita Grand Lodge, que viria a ser criada no ano seguinte.

A data desse encontro de 1717, 24 de junho de 1717, escolhido porque corres-



Plano elaborado por Sir Christopher Wren, para a reconstrução da zona ribeirinha de Londres atingida pelo incêndio de 1666

pondente ao dia em que se celebra São João Batista, foi estabelecido como a data em que futuramente seria realizada a Assembleia Geral e a Festa Anual e no decurso da qual seria escolhido o Grão Mestre.

A Loja que se reunia na *Crown Ale-house* havia sido criada em 1712, tendo mais tarde mudado para a *Queen's Head Tavern*, Turnstile, Holborn, no ano de 1723,.

Tendo mudado mais algumas vezes de local de reunião, apareceu pela última vez referida em 1736. Desapareceu assim uma das quatro "Old Lodges", como passaram

a ser designadas.

A terceira Loja que originalmente se reunia na *Apple Tree Tavern* na Charles Street em Covent Garden, mudou-se em 1717 para *Queen's Head*. Não se conhece que a actividade desta Loja tenha sido interrompida como aconteceu com a *Crown Lodge*. Em 1818, fundiu-se com a Loja *Old Cumberland* que havia sido constituída em 1753, tendo ficado conhecida como *Fortitude e Old Cumberland Lodge No. 12*.

As mudanças de nome e status causaram tal confusão que a identidade do local onde reuniam deixou de ser conhecida durante quase um século. e a designação da Loja, que se confundia com o local onde reunia, ficou nas brumas da memória.

O primeiro Gão Mestre da Grande Loja de Londres e Westminster, Anthony Sayer, era um membro desta Loja.

George Payne, o segundo e quarto Grão Mestre, Desagulliers, o terceiro Grão Mestre e vários outros que se tornaram Grão Mestres, eram membros da quarta Loja que se reunia no *Rummer and Grapes*.

Mais tarde tomou a designação de *Royal Somerset House e Inverness Lodge No. 4*.

A Grande Loja era nesses primór-

dios uma instituição como diversas outras existentes em Londres que pretendia dedicar-se essencialmente a acções sociais, sem nenhuma agenda política ou religiosa.

O terceiro Grão Mestre, John Teophilus Desaguliers, um padre anglicano, proveniente de uma família francesa de Huguenotes, cientista e membro da Royal Society como vários outros membros da sua Loja, tinha sido assistente de Sir Isaac Newton. Iniciou entre muitos outros, o Duque da Lorena, que se tornou mais tarde o Sacro Imperador Romano e Frederico, Príncipe de Gales.

A ideia da união destas quatro Lojas onde se reuniam os partidários do iluminismo e os cientistas e pensadores da Royal Society, talvez tenha sido atizada pela sua vivência numa Inglaterra dilacerada pelas guerras entre católicos e protestantes, que tanto sangue fizeram correr e pelas cisões dinásticas. Tudo isto criou condições para a Revolução Industrial e para a instauração do modo de produção capitalista, tendo permitido à marinha inglesa controlar os mercados mundiais. A Maçonaria, sendo um lugar onde a religião não era motivo de discórdia, talvez constituísse nessa altura uma forma de resistência e um local onde os homens de boa vontade, livres e de bons costumes, podiam conversar à vontade sem receio de serem levados ao cadafalso pelas ideias demonstradas.

Bibliografia:

- *Omholt, Ralph, *Goose and Gridiron Ale House and the Four Original Lodges*, em www.phoenixmasonry.org/, consultado em 2017-06-03;
- *The Great Fire of London, em <http://www.historic-uk.com/>, consultado em 2017-06-03
- *Ventura, A.P., "Uma História da Maçonaria em Portugal", Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2013;



Cervejaria *Goose and Gridiron Ale-house*

Do Templo para o Mundo — Tochas na Caverna



Gruta do Nzenzo , Uíge, Angola

Visitando o interior da minha Terra, pelo caminho da caverna encontrei algumas pequenas tochas, que constituíram, no antanho da minha profanidade, algo como prenúncios de Iniciação.

Religo esses eventos, entre si remotos, reminiscências perenemente acesas na minha memória, como lhes descobrindo o sentido da sua sequência, os nexos que na minha mente criaram e que as respectivas evocações iluminadas surpreendentemente ainda vão criando.

Tudo tem o seu Tempo. Na noite dos tempos, foram duas as tochas que na espessa treva me surgiram, como efeito de fortísimos impactos áudio-visuais. Refiro-me a dois filmes, um dos quais já citava, na apresentação que enquanto profano dirigi à Nossa Respeitável Loja Liberalitas, em

Dezembro de 2009, de que alguns dos Irmãos se recordarão.

O primeiro foi “2001 – Odisseia no Espaço”. Sob a emoção de reconstituir, numa visão antropológica evolucionista, os primórdios dos homínídeos, sob a emoção resultante da conjugação da valsa Danúbio Azul de Strauss e do belíssimo efeito visual de uma estação orbital que sugeria o bíblico sonho de Ezequiel (o das “rodas dentro de rodas”), enquadrada pela exaltante beleza do nosso planeta visto do espaço, um turbilhão de novos pensamentos e questionamentos então me surgiu, para nunca mais me deixar...

Ficaram vogando desde então, na minha confusa mente, perguntas lançadas ao etéreo, sobre o sentido das construções da Humanidade, indagando se seriam deter-

ministicamente impulsionadas por intervenções de uma Divina Geometria, no filme representada por um monólito de polidez impoluta e cortantes arestas...

Embatendo no meu pueril fascínio pelos mistérios, o atrito desse primeiro impacto gerou faíscas, acrescentando algum caos ao preexistente, mas mantendo acesa uma atraente chama, que então me despertava a atenção para a possibilidade da Consciência Universal.

Poucos anos depois, deu-se o segundo impacto: “Jesus Christ Superstar”. A minha educação religiosa foi por ele questionada: “Every time I look at you I don’t understand”; “Quem és tu e o que sacrificaste?”; “Pensas que és o que de ti dizem?”; “Não me leves a mal, apenas quero saber...”. A música, rock dos anos setenta, tocou as minhas mais sensíveis cordas. Ouvi-la ainda hoje me provoca arrepios e lágrimas. É indescritível a sequência do dramático diálogo do Cristo com o Pai: “See how I die!”

Em todo o filme está o Amor presente, igualmente enlaçando amigos e inimigos. As indelévels mar-

cas que essa notável obra em mim deixou reforçaram os valores cristãos. Reforçaram o valor dos afeitos, da entrega aos outros, quiçá forjando uma futura dedicação familiar, justamente simbolizada pelo Pelicano... A minha chama interrogativa começava também a ganhar foros de consciência proativa.

Digamos que esses dois marcantes filmes foram para mim como uma espécie de tradução de eternos



arquétipos, do Círculo, da Cruz, do Triângulo e do Quadrado. De uma maneira não totalmente consciente, geraram influências no meu crescimento. Hoje atrevo-me a incluir essas influências como tendo origem nas Colunas Pitagórica e Hermética!

Trago – *hic et nunc* – estas memórias, meus Muito Queridos Irmãos, querendo convosco refletir que na Morte do Profano, algo de importante na sua história pessoal sobrevive para lá da Iniciação, tem continuidade e desenvolvimento, integrando a sua matéria bruta, para o trabalho íntimo, simbólico e transmutador.

Termino citando um Irmão da Respeitável Loja Salvador Allende, do G.'O'.L.', de nome simbólico Diógenes de Sínope:

“Ao apagar-se o pequeno Eu acende-se a verdadeira relação entre o Uno e o Todo (...), como a consciência de mim entrelaçada aos outros e ao Universo (...).”

J.F. C.: M.:



Preceito Maçónico

A verdadeira Cadeia de União, jamais se rompe.

